

Envelhecimento agrava-se entre presos portugueses

Quase 400 reclusos têm acima dos 65 anos de idade. Sistema não está preparado para dar resposta

Roberto Bessa Moreira
roberto.moreira@jn.pt

PRISÕES Há quatro reclusos com 90 anos ou mais a cumprir pena. O mais velho tem 92. Nas cadeias, como na sociedade em geral, a tendência é de envelhecimento e são 396 os que ali pagam pelos seus crimes já depois dos 65 anos. Sem perspetivas e com pouco que fazer porque o sistema não está preparado, os idosos temem sobretudo morrer entre grades, mas exercem uma influência positiva sobre os companheiros de destino e alguns nem querem sair, concluiu um estudo (ler página seguinte).

Manuel Garcia foi condenado, no início da semana passada, por homicídio, depois de ter matado a tiro o genro, que o agredia e à sua filha. Também maltratava a própria mulher que, por esse motivo, se terá suicidado. Com 89 anos, irá passar os próximos quatro anos e nove meses na cadeia.

A prisão do quase nonagenário não é caso único, nem tão-pouco Manuel Garcia é o recluso mais velho. Dados da Direção-Geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP) dão conta de que existe um com 90 anos, dois com 91 e outro com 92. Este último, condenado a 12 anos por tentativa de homicídio, ofensas à integridade física e arma proibida, é, de facto, o preso com mais idade em Portugal.

Segundo a DGRSP, a média de idades dos 13 044 detidos nos 49 estabelecimentos prisionais é de 40 anos, o que afasta a ideia de que a maioria dos presos são jovens membros de gangues, dedicados aos roubos ou ao tráfico de droga. Para este número contribuem, em grande parte, os 29 homens e uma mulher com mais de 80 anos. E a estes juntam-se os 28 presos, entre eles uma mulher, com idades entre os 76 e os 80 anos e ainda os 338 presidiários (22 dos quais do sexo feminino) que já passaram a barreira dos 65, mas ainda não ultrapassaram os 75.

A tendência para o envelhecimento da comunidade prisional não é um fenómeno nacional. Estudos internacionais mostram que em vários países europeus e da América do Norte se passa o mesmo. Esta realidade está plasmada

num artigo publicado numa revista por Adriana Silva. Doutoranda em Sociologia no Centro de Investigação em Ciências Sociais, da Universidade do Minho, entre 2011 e 2016 estudou os hábitos e expectativas de 46 reclusos, homens e mulheres, com mais de 50 anos.

Dados intercalares já lhe permitiram perceber que “Portugal atravessa, nos tempos de hoje, um processo de envelhecimento da população”. E que “as estatísticas prisionais têm vindo a comprovar essa evolução”. A partir de 2009, o número foi sempre aumentando. Em 2016, representavam 18,5% dos presos.

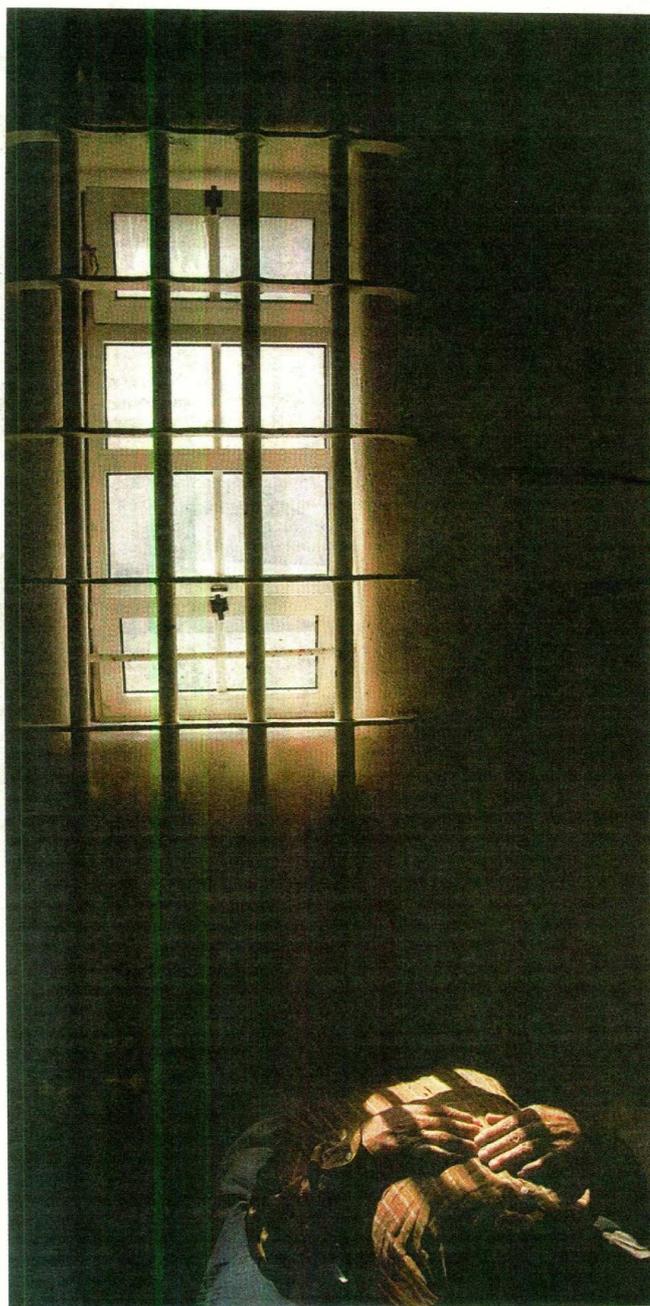
Mais frágeis do ponto de vista físico e psicológico, os reclusos têm poucas expectativas. “O passar do tempo é marcado pela ideia de que o tempo pode ser irreversível. As expectativas de reinserção são marcadas por muitas incertezas e fortemente minadas pelo medo de morrer na prisão, no caso dos reclusos de idade mais avançada”, alega Adriana Silva.

O problema levanta também desafios ao sistema. “Com base nas entrevistas que realizei junto da direção, técnicos e guardas prisionais nos estabelecimentos prisionais, os dados mostram que os/as reclusos/as idosos/as ainda não são vistos como uma população especial, que mereça atenção por parte do sistema prisional”, refere a técnica. Realça, no entanto, o facto de a maioria dos entrevistados avaliar positivamente o acesso e funcionamento dos serviços de saúde. ●

SAÚDE MENTAL

Governo aprova lei com 10 anos de atraso

O Governo prepara-se para legislar o código para internar presos com doenças mentais. Segundo o “Público”, o diploma já estava previsto desde 2009, mas só agora será levado a Conselho de Ministros. A nova lei irá regulamentar a forma como os presos com doenças mentais, sejam ou não idosos, serão internados nas duas unidades de saúde disponíveis para o efeito.



Em 2016, os maiores de 50 anos representavam 18,5% dos presos

ENTREVISTA

“Medo de morrer durante a reclusão”

Adriana Silva Doutoranda e autora de estudo sobre população prisional idosa



Adriana Silva é mestre em Sociologia e doutoranda no Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, da Universidade do Minho, com um projeto de doutoramento intitulado “Envelhecer na prisão: Processos identitários, vivências prisionais e expectativas de reinserção por reclusos idosos”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Entrevistou 26 reclusas e 20 presos com mais de 50 anos nas cadeias de Santa Cruz do Bispo e de Paços de Ferreira.

Qual o perfil dos idosos presos?

Entre as reclusas, 21,3% eram analfabetas e 36% não foram além do 4.º ano de escolaridade. 27,9% eram viúvas e a maioria estava presa por tráfico (50,8%) e por homicídio (11,4%). 40,9% eram reincidentes. Nos homens, as habilitações variavam entre o 4.º e o 9.º anos. Estavam presos principalmente por homicídio (24,7%) e por tráfico (24,8%). 59% eram primários.

Qual a sua relação com a comunidade prisional?

O seu comportamento prisional é caracterizado como bom e isento de medidas disciplinares. É também comum à maioria dos entrevistados um afastamento de situações que possam re-

sultar em conflitos. Na generalidade, relatam que mantêm boas relações entre os pares, baseadas no respeito. Este bom comportamento é extensível às relações com os guardas prisionais. Aliás, um dos dados mais significativos, encontrado apenas nos dos homens, é o facto dos idosos funcionarem como elemento de consenso e mediador de conflitos junto da restante população prisional, principalmente dentro da mais jovem.

Qual a expectativa dos idosos quanto ao futuro?

Para alguns reclusos, a idade torna-se um entrave para o envolvimento em atividades como a escola, ocupação laboral, ginástica, atividade lúdicas, devido às limitações físicas à inexistência de programas específicos e adequados às suas necessidades. A idade também se torna um peso nas vivências prisionais, pois traz uma saturação. A população idosa está conformada com a reclusão, vivendo um dia de cada vez. Também há falta de esperança no futuro, potenciada pelo medo de morrer durante a reclusão. Isto porque, segundo eles, será tarde para começar de novo. Devido a esta falta de expectativas face ao futuro, alguns manifestam o desejo de continuar na prisão. ● R.B.M.

13 044

reclusos estavam recolhidos nas 49 cadeias distribuídas de norte a sul do país. Entre estes incluem-se 144 homens e mulheres considerados inimputáveis e que estão internados em instituições psiquiátricas não prisionais.

396

presos com mais de 65 anos continuam a cumprir a pena à qual foram condenados. Destes, 338 têm uma idade compreendida entre 65 e 75 anos. A DGRSP registou, até 1 de março, 30 reclusos com mais de 80 anos.

29

presos que morreram devido a doença, nos anos de 2016, 2017 e 2018, tinham mais de 65 anos. Durante o mesmo período, 28 reclusos foram libertados de forma antecipada também devido a doença ou à idade avançada.

50

anos é a idade a partir da qual um recluso é considerado idoso, pelo facto de na cadeia estarem sujeitos a processos que podem acelerar o envelhecimento físico, entre dez e 15 anos em relação à idade real.

CASOS

José, 90 anos
 Está a cumprir uma pena de nove anos de prisão a que foi condenado pelo crime de abuso sexual de crianças

António, 91 anos
 Foi julgado e condenado a 14 anos de prisão pelo crime de homicídio.

Artur, 91 anos
 Foi detido e acusado de bater na mulher reitradamente. O tribunal condenou-o a dois anos de prisão pelo crime de violência doméstica, mas tem ainda processos pendentes na Justiça por ofensas à integridade física e por tentativa de homicídio.

Fernando, 92 anos
 Cometeu um homicídio e foi ainda condenado por ofensas à integridade física e detenção de arma proibida. A pena de prisão é de 12 anos.

Sara, 63 anos
 É viúva e passará 12 anos na cadeia, depois de um coletivo de juizes a ter dado como culpada do crime de homicídio qualificado

Catarina, 61 anos
 Também viúva, cumpre pena igualmente por homicídio qualificado. No seu caso, a pena de prisão foi de 20 anos de cadeia.

Susana, 60 anos
 Foi condenada por crime de tráfico de droga. O tribunal decidiu que passará 11 anos na cadeia.



Cuidados continuados no hospital-prisão de Caxias

156 mortes por doença em dois anos

Libertados 28 reclusos por vulnerabilidade ou deficiência grave e por idade avançada

IDOSOS Especialistas internacionais como R. H. Aday, J. Y. Wick ou R. Zanni defendem que na cadeia os reclusos estão sujeitos a processos vários que os podem tornar vulneráveis a uma aceleração do envelhecimento, a nível físico, de dez a 15 anos em relação à idade cronológica. Um envelhecimento precoce que pode levar ao aparecimento de doenças graves e até à morte antecipada dos presos. Neste âmbito, a DGRSP avança que, entre 2016 e 2018, “faleceram por doença 156 reclusos, sendo que 29 destes tinham 65 ou mais anos”. E acrescenta que, neste mesmo período, foram libertados, “por serem portadores de doença grave, evolutiva e irreversível ou sofrerem de deficiência grave ou permanente ou

de idade avançada”, 28 pessoas.

À semelhança do que acontece “na população em meio livre do país”, também o envelhecimento é, frisa fonte oficial da DGRSP, “uma realidade cada vez mais marcante nos estabelecimentos prisionais”. “Sendo esta uma população com necessidades particulares e tendo em conta que são, no geral, pessoas com “pluripatologia” crónica que inevitavelmente estão “polimedicadas”, a assistência médica e medicamentosa é ajustada às necessidades de cada um, recorrendo-se, sempre que necessário, ao Serviço Nacional de Saúde de que os reclusos, conforme determina a lei, fazem parte”, explica ainda a entidade responsável pela gestão das cadeias. ●

SAÚDE

Criada Unidade de Cuidados Continuados no “São João de Deus”

Para responder às necessidades especiais dos idosos presos, mas também dos reclusos gravemente doentes, foi recentemente inaugurada uma Unidade de Cuidados Continuados, no Hospital Prisional de São João de Deus, em Caxias. Esta medida terminou com a intenção, anunciada pelo Governo em 2017, de transformar o Centro Educativo do Mondego, em Cavadoce, Guarda, numa prisão vocacionada para 50 reclusos mais velhos. O Centro foi, aliás, reaberto, mas funciona agora como “extensão do estabelecimento prisional da Guarda”, na qual estão “afetas mulheres e uma secção masculina de reclusos em regime aberto”.